

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Louís Bragilinski

Class.: G3R0032p

Data: 20 de julho de 1986

Pg.: _____

O índio, novamente esquecido

CARMEM MORETZSOHN
Da Editoria de Cultura

Com as recentes medidas econômicas do Governo, pouco se tem falado da questão indígena. Afinal, o quadro permanece o mesmo de há séculos: índios continuam a morrer abatidos por doenças de brancos que fazem os primeiros contatos e não fornecem assistência médica. Suas terras seguem sendo invadidas e os conflitos entre posseiros, garimpeiros e índios deixam sempre um saldo de mortes quase nunca divulgado e, certamente, povoado de representantes das diversas nações indígenas. Agora, os índios já cansaram de ser tratados como inválidos e querem seu lugar, querem gerenciar a política relacionada à solução de seus problemas. Para isso, já preparam um time de primeira que está na linha de frente: Marcos Terena, na Assessoria do Índio do Ministério da Cultura, Ianaculá, na Chefia de Gabinete da Presidência da Funai, e Megaron, na direção do Parque do Xingú. Uma nova geração que promete lutar por soluções rápidas e que deverá cumprir a difícil missão de unir todas as tribos em torno de uma ação conjunta.

Para as comunidades indígenas, "soluções rápidas" quer dizer demarcação das terras de suas reservas, assistência médica e educação escolar. Questões que devem ser analisadas e que, para isso, contarão com a competência de índios preparados através de formação universitária e que mantêm estreito contato com as lideranças mais tradicionais. A idéia: fortalecer e reestruturar os postos indígenas.

Atualmente, além de atuarem no poder executivo, as novas lideranças se preparam para junto ao poder legislativo, através de candidaturas à Constituinte. Índio não poderia ficar de fora: precisa lutar pela quebra do preconceito, por seus direitos e pela integração de suas nações à comunidade branca. Existem problemas que são comuns à duas raças: falta de alimento, de saúde, de educação e tantos outros. Como molas mes-

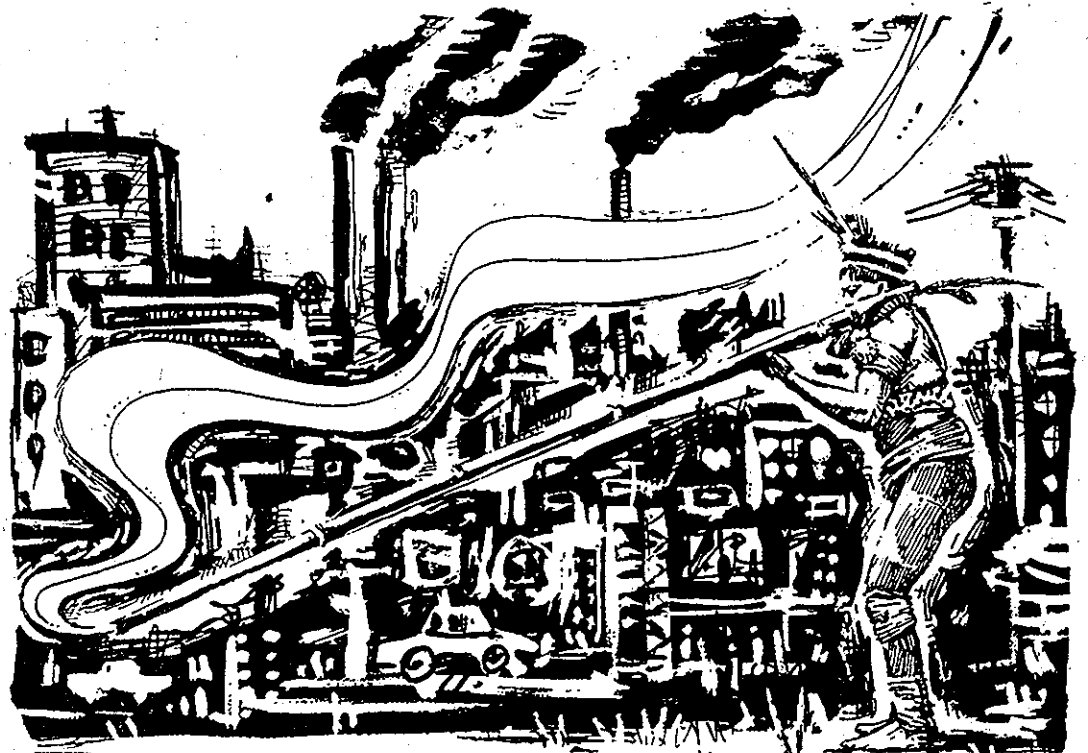
tras, apresentam quatro representantes de partidos diferentes: Marcos Terena, pelo PDT do Distrito Federal; Idjarruri Karajá, pelo PMDB de Goiás; Alvaro Tucano, pelo PT do Amazonas e Biraci Iauanauá, pelo PT do Acre.

Todos os candidatos têm média de 25 anos de idade e formação pré-universitária. E, independentemente do partido ao qual se filiaram, possuem um compromisso comum, voltado para as questões de melhoria de vida do homem branco, do brasileiro, a partir da luta indígena pela sobrevivência. Os nomes surgiram do movimento UNIND — União das Nações Indígenas —, criado em 1980; que somava 15 estudantes e hoje agrega a maioria das nações indígenas existentes no País.

Os quatro representantes concordam num ponto: suas candidaturas marcam um novo momento no relacionamento entre o Governo e o índio. E têm certeza de uma coisa: se, durante os quatro anos de compromisso assumido, eles não executarem o papel que lhes foi confiado, as próprias comunidades indígenas tratarão de substituí-los por outros nomes. Afinal, o importante é utilizar esse canal para a obtenção da possibilidade de efetuar uma pauta única, de interesse de toda a Nação.

Marcos Terena recebeu o apoio do "Avô dos Índios", como é conhecido Darci Ribeiro, vice-governador licenciado do Rio de Janeiro, antropólogo e candidato pelo PDT ao governo do Rio. Idjarruri conta com a força de Henrique Santilho, candidato ao governo de Goiás pelo PMDB e Alvaro Tucano e Biraci Iauanauá são apoiados por Luis Inácio Lula da Silva.

Para os quatro candidatos, além de lutar pelas questões indígenas, suas bases estão também na quebra do preconceito existente quando à figura do índio. Diz Marcos Terena: "Lutamos para incentivar os valores humanos da sociedade indígena a partir da necessidade de acabar com os preconceitos existentes e com a imagem distorcida que o índio tem na sociedade branca".



FERNANDO.

Pela vida, contra a discriminação

MARCOS TERENA
Especial para o CORREIO

Numa de suas primeiras viagens, visitando uma grande cidade em nosso país, um cacique indígena ficou surpreso quando uma pequenina criança correu para ele com as mãos estendidas. Sua surpresa tornou-se ainda maior, quando ele, em resposta, abriu os braços como um pai que afaga seu filho e sentiu que a criança não queria somente um abraço, mas pedia: "uma ajuda pra comprar pão!"

O cacique que estava acostumado a enfrentar o rigor da selva, sentiu-se profundamente tocado por aquele apelo. Não tinha como compreender aquela situação, por isso, soltando a criança, pensou: quantas riquezas materiais no mundo do homem branco e no entanto, não havia comida para alimentar uma criança, que amanhã poderia ser o futuro, o homem do Brasil. O cacique se lembrou dos pés de banana, do pequi, da batata-doce, das caças, dos peixes, alimentos que a mãe natureza sempre colocou à disposição do homem, das roças que não eram grandes como as roças do homem branco, mas eram suficientes para não passar fome.

O mesmo homem da selva que dividiu suas terras, de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, com portugueses, espanhóis, japoneses, árabes e judeus. O mesmo homem da selva que optou pelas águas dos rios, quando o homem civilizado ameaçou colocar fogo nas águas, caso ele

não mostrasse as minas de ouro e prata, não poderia mesmo compreender essa "civilização", pois já há quase 2000 anos atrás, um grupo de crianças tentou se aproximar do grande fenômeno espiritual Jesus Cristo, e foi impedido pelos adultos, discriminado exatamente por ser de crianças. O grande mestre, no entanto, repreendeu aqueles adultos dizendo: "deixai vir a mim as crianças", e mais surpreendente foi sua mensagem final: "porque delas é o reino dos céus".

As comunidades indígenas tais como são, consideradas inocentes por uns, selvagens por outros, sabem que uma criança é fonte de vida, que não basta sobreviver, mas que é preciso viver bem, daí sua persistente luta pela demarcação de suas terras, pois sua terra é a sua vida.

Uma orientação cultural, a preservação das tradições, da língua e dos costumes tribais, fazem parte do dia-a-dia de uma aldeia, onde o adulto sente-se feliz convivendo com o sorriso de uma criança. Em resumo, a criança é um pedaço desse corpo social. Um dia, o indiozinho, cansado de uma caminhada, perguntou: "papai, por que devo aprender essas coisas?", seu pai lhe respondeu: "...para um dia poder ensinar aos seus filhos".

A mesma sociedade que se alegra com o sorriso, com os olhares inocentes das crianças, deve atentar, que tudo isso poder também se transformar em tristeza, medo, ódio, pois se elas não forem instruídas e instrumentalizadas para a

vida, certamente a própria necessidade de viver a vida, fará delas, vítimas. O Índio luta pela vida. A criança luta pela vida.

As duas questões sociais, vividas neste caso pelo cacique indígena e por Jesus Cristo, levam-nos a uma preocupação de que devemos correr contra o tempo, caso contrário os apelos se transformarão em lamento. Os Índios, quais animais feridos, acuada em suas terras, vendo sua sociedade e sua cultura sendo desmoronada pelo impacto da "civilização". As crianças, parte dessa "civilização", longe de fazer um Brasil forte, independente, econômico, social e culturalmente.

"E problema do governo" — dirão alguns. "É culpa do poder econômico" — dirão outros. "Vamos esperar a Constituinte" — dirão os mais esperançosos.

Mas todos nós, bem ou mal, estamos contribuindo para fazer ou desfazer esse quadro, é uma luta de todos em favor da vida contra a discriminação.

Se o ditado americano pode nos dizer: "Time is money". Talvez, possamos, como brasileiros, responder: "Time isn't money — Time is life", ou seja, tempo é vida. Marcos Terena, Assessor Indígena do MinC.

Marcos Terena é assessor especial para Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura e candidato à Constituinte pelo DF